

Rede Justa Trama - cadeia produtiva do algodão ecológico: a economia solidária como desenvolvimento territorial.

Gilmar Godoy Gomes – Mestre em Geografia – UFRGS
gilpoa2005@yahoo.com.br

Álvaro Luiz Heidrich – Doutor em Geografia - UFRGS
alvaro.heidrich@ufrgs.br

Introdução

Este artigo analisa uma rede de colaboração solidária: a Rede Justa Trama - Cadeia Produtiva do Algodão Ecológico. A Justa Trama é uma construção inovadora dentro do campo da economia solidária, pois alia produção, beneficiamento e comercialização dentro de uma cadeia produtiva protagonizada pelos trabalhadores diretamente envolvidos na atividade. A Justa Trama é a marca da Cadeia Ecológica do Algodão Solidário, da qual participam trabalhadores organizados que integram Empreendimentos de Economia Solidária (EES). São homens e mulheres agricultores, coletores de sementes, fiadores, tecedores e costureiras de seis estados brasileiros.

Essa cadeia tem uma representação espacial muito significativa e singular. Inicia no Ceará, nos municípios de Tauá, Forquilha, Canindé, Sobral, Aracaú, Massapé, Choro e Quixadá, onde agricultores familiares articulados pela Associação para o Desenvolvimento Educacional e Cultural de Tauá – Adec – plantam e colhem o algodão agroecológico, empregando técnicas de conservação do solo e da água, valorizando a biodiversidade, sem uso de agrotóxicos.

Em seguida o fio é beneficiado na Coopertextil, cooperativa de fiação e tecelagem em Pará de Minas (Minas Gerais). Posteriormente, inserem-se a Cooperativa Coopstilus (São Paulo), Fio Nobre em Itajaí (Santa Catarina) e a Cooperativa Unidas Venceremos em Porto Alegre (Rio Grande do Sul), onde são feitos os produtos confeccionados com a marca Justa Trama¹.

Da mesma forma, a Justa Trama, ao congregar uma ampla rede solidária que se estende por diversos territórios do espaço nacional, apresenta-se inovadora, considerando-se a problemática da produção e do consumo, já

¹ Recentemente foi incorporado à Justa Trama o empreendimento de artesãs *Em nome da Arte* que produz brinquedos pedagógicos a partir das sobras da confecção.

que se apresenta como um contraponto ao padrão dominante estabelecido pelo mercado capitalista, bem como acredita-se que constitua uma alternativa à concepção de desenvolvimento hegemônico.

Ao mesmo tempo a Justa Trama é compreendida como uma rede de caráter social que integra uma cadeia produtiva criada a partir da união de pessoas que a partir dessa experiência empreendedora percebem as possibilidades de potencializar a sua produção econômica, bem como difundir ideais de construção de uma sociedade baseada na cooperação, solidariedade, proteção ao meio ambiente, de forma coletiva, que se multiplica a partir da criação de outras redes. Isso conduz à ideia de se constituir a Justa Trama numa referência de organização política ligada ao campo das alternativas econômicas e solidárias.

Este contexto oferece à análise geográfica, notadamente às abordagens territorial e cultural, que enfocam a articulação materialidade-imaterialidade, um interessante campo de pesquisa, especialmente para a Geografia Social –, que considera a relação entre sociedade e os diferentes atores no espaço em suas diversas feições, como a natureza, o meio, o espaço da vida, territórios, lugares e paisagem (DI MÉO; BULÉON, 2007).

Nesse sentido, a criação de uma cadeia produtiva controlada por empreendimentos solidários coloca para a pesquisa e para os pesquisadores da economia solidária no Brasil uma importante perspectiva de discussão sobre a questão do desenvolvimento territorial no qual o modelo da Justa Trama pode contribuir para a geração de iniciativas semelhantes impulsionando o debate sobre desenvolvimento econômico e social (endógeno, local) calcado no território e nas comunidades locais.

A Cadeia Produtiva do Algodão ecológico e a Rede Justa Trama

Os empreendimentos de economia solidária que estão na base da organização da Justa Trama constituem uma cadeia produtiva administrada por uma rede constituída de cinco cooperativas e uma associação de agricultores. Por isso, ela envolve dois importantes aspectos constituintes: uma rede – a Rede Justa Trama – e uma cadeia produtiva – a cadeia do algodão ecológico. Estes dois aspectos, a constituição de uma cadeia produtiva e a formação de

uma rede, enquanto não constitui novidade para as empresas convencionais ou capitalistas, para o desenvolvimento da experiência da economia solidária no Brasil tem o caráter inovador.

Por cadeia produtiva entende-se um conjunto de etapas pelas quais passam os diversos insumos dentro de um sistema de produção (METELLO, 2007; PROCHIK, 2002). Uma cadeia produtiva pode se organizar a partir de uma empresa apenas ou por um aglomerado de empresas. Vista como uma tecnologia ou ferramenta para o desenvolvimento de um ciclo de produção é capaz de potencializar um circuito econômico, e sua introdução em um dado processo produtivo responde a diversas necessidades, no caso de uma empresa convencional, principalmente à capacidade de racionalizar custos e gerar lucro.

A necessidade da existência de uma cadeia produtiva é o resultado de pressões competitivas, próprias à lógica de mercado, e resulta, por isso mesmo, em crescente divisão do trabalho e interdependência entre os elos econômicos da cadeia. Nas formas organizacionais da empresa capitalista é a “empresa-mãe” que determina a forma do processo produtivo, impondo aos demais elos da cadeia sua vontade.

Já, em relação à Justa Trama, observa-se que isto não ocorre, na medida em que, numa cadeia produtiva solidária, os elos são articulados simultaneamente, com decisões tomadas em fóruns de deliberação coletivos. A Cadeia produtiva é fomentada por uma rede de colaboração solidária que tem no exercício da democracia sua maior fortaleza.

Considerando-se que nos países de economia periférica os novos paradigmas criados pelo capital tende a fragilizar as iniciativas dos sistemas produtivos dinâmicos locais (METELLO, 2007), torna-se muito relevante o papel desempenhado por uma articulação em cadeia de proposição solidária. Como é o caso em exposição, a rede Justa Trama contrapõe-se a essa tendência ao fortalecer os arranjos produtivos locais, notadamente em dois aspectos: (1) desenvolver suas potencialidades e (2) proporcionar interlocução/participação na rede. Deste modo, compreendemos que a formação de redes e as cadeias produtivas sob o domínio da economia solidária torna-se importante alternativa de desenvolvimento em bases

autenticamente territoriais e de se angariar crescimento sustentável das comunidades locais (AZAM, 2010).

Para Mance (2000; 2002) o desenvolvimento da economia solidária requer não apenas a criação de novas cadeias produtivas, como é o caso do algodão ecológico e de outros produtos como o mel, a castanha de caju, coco do babaçu, o artesanato,² mas, sobretudo, a *remontagem solidária* das cadeias produtivas capitalistas por iniciativas que congreguem produtores, fornecedores de insumos e serviços bem como os consumidores. Tendo em vista que uma cadeia produtiva é composta por todas as etapas necessárias para a realização, elaboração, distribuição e comercialização de um bem ou serviço até o seu consumo final, deve-se levar em conta outros aspectos que são importantes para o fortalecimento desse arranjo produtivo como financiamento, desenvolvimento e publicidade do produto, uma vez que “tais custos compõem o custo final e lhe incorporam valor a ser recuperado graças à venda do produto”. (MANCE, 2002)

A questão do consumo remete à disseminação do modo de produzir da economia solidária, à medida que possa haver opção pelo chamado consumo consciente. Isso requer domínio e articulação das diferentes etapas: produção, aquisição de insumos, distribuição e comercialização tendo como princípios a desintermediação³, o preço justo e, na medida do possível, “os critérios éticos e ambientais” (MANCE, 2002, p.2).

A atenção com a ponta final das cadeias produtivas, o consumo, exige a organização social dos cidadãos, o que se torna possível com a criação de cooperativas de consumo ou outros tipos de associações que integrem consumidores de forma a alimentar essas cadeias.

Deve-se considerar, contudo, que o ambiente criado pelo sistema hegemônico não favorece tais iniciativas, uma vez que é próprio do modo de dominação econômico-político e social do capitalismo o caráter seletivo e excludente a qualquer outra forma alternativa de produção e deve-se considerar que este sistema é amplamente favorecido por políticas de estado

² No Rio Grande do Sul, por iniciativa da Secretaria de Economia Solidária e Apoio à Microempresa estão sendo criadas seis novas cadeias produtivas de ES: pesca, osso, frutas nativas, pedras preciosas, lã e pet binacional.

³ Desintermediação refere-se à eliminação da figura do intermediário em um processo de venda direta.

nas esferas do financiamento, crédito e aporte de tecnologia. Desta forma, cabe à economia solidária conquistar o espaço para seu desenvolvimento e, por contingência, enfrentar um mercado cada vez mais competitivo, em que as iniciativas de políticas públicas são fragmentárias, por apresentarem um aporte financeiro inexpressivo e por não levarem em conta as demandas e os interesses dos segmentos sociais que constituem os Empreendimentos de Economia Solidária – EES.

Assim, o fomento e a criação de alternativas econômicas, tais como as cadeias produtivas de economia solidária, redes de colaboração solidária e arranjos produtivos locais que passem a constituir alternativas concretas ao modelo imposto pelo capitalismo globalizado, são um exemplo claro dos problemas que a Justa Trama enfrenta para se afirmar.

A ideia de criar uma cadeia produtiva dominada por empreendimentos de economia solidária surge no final da década de 90, gestada pelas cooperantes da área da confecção (em sua maioria, mulheres) da Cooperativa Unidas Venceremos (Univens), de Porto Alegre. O objetivo do grupo ligado à Univens era reunir todas as etapas de um processo de produção em uma organização econômica que possibilitasse tanto o protagonismo dos EES, na iniciativa e na agregação de valor, quanto na criação de novos produtos e marcas, alavancando a posição da cooperativa no mercado.

Em 2004, com a criação da Unisol Brasil³, a capacidade de articular atores diversos faz aumentar as ambições dos envolvidos com a ideia de uma rede de produção solidária. Estas pessoas, para conseguirem seu intento, passaram a se articular com as organizações de apoio, gestores públicos, empreendimentos e os Fóruns de Economia Solidária e, como resultado dessa articulação, obtiveram os primeiros recursos para a formação de uma cadeia produtiva completa.

No ano de 2008, a Justa Trama obtém o registro formal, tornando-se uma cooperativa de segundo grau com o nome de Cooperativa Central Justa Trama, isto é, uma central de cooperativas que garante à rede a institucionalização, com sua inscrição no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ), com o dever de representar os interesses dos trabalhadores

³ União e Solidariedade, uma das entidades que criou a Justa Trama.

associados, garantindo-lhes, assim, os direitos e o amparo previstos pela lei. Conta hoje com cerca de 700 associados que atuam junto aos diversos elos da cadeia produtiva: no plantio, na fiação, na tecelagem, na confecção e no artesanato.

A Cadeia Justa Trama amplia os seus objetivos com o ingresso da Cooperativa de Fiação e Tecelagem em Minas Gerais (Coopertêtil). Em seguida, é incorporado ao contexto da Cadeia Justa Trama um outro empreendimento, a Cooperativa Açaí, localizada em Porto Velho estado de Rondônia, que participa fornecendo as sementes e tinturas que fazem o ornamento das peças em forma de bordados, botões e outros acessórios. Este empreendimento é constituído por mulheres indígenas que coletam materiais da floresta amazônica de forma harmoniosa. Cabe destacar que essas mulheres, ao coletarem o material disponível na natureza, sem agredir o meio ambiente, estão praticando o manejo ecológico, contribuindo, dessa forma, para a manutenção e a proteção do espaço em que vivem.

Por fim, duas cooperativas e um grupo de artesãs do Sul do país transformam o tecido produzido no Ceará em artigos de confecção⁴, concretizando o desejo-fim de ter um produto próprio e que, dentro do possível, respeita o meio ambiente. O exemplo da Justa Trama é simbólico, na medida em que, dentro do contexto da economia solidária, se destaca pelo seu caráter inovador, que objetiva a sustentabilidade tanto no âmbito da produção (matéria-prima: o algodão ecológico) quanto em relação ao consumo (o produto final).

A ADEC, localizada no sudoeste do Ceará, reúne e organiza trabalhadores da agricultura familiar que produzem o algodão agroecológico para a Rede Justa Trama, desde 2005, sem o uso de insumos de química sintética.

A Adec localiza-se em Tauá, mas sua atuação abrange vários municípios da microrregião dos Inhamuns, no sertão semiárido do Ceará, próximo à fronteira com o Maranhão, tais como os municípios de Parambu, Independência, Saboeiro, Forquilha, Acaraú, Choró e Massapê. O número de habitantes de Tauá está próximo de 56 mil habitantes (CRUZ, 2010), no

⁴ Cooperativo Fio Nobre (Itajaí-SC), Cooperativa Univens e Em Nome da Arte (Porto Alegre-RS).

entanto a área de influência da associação na região aproxima-se de 100 mil pessoas.

O número de pequenas propriedades nesta área acerca-se a 10 mil, caracterizando a região como espaço dominado por minifúndios produzindo basicamente para a subsistência sejam alimentos, como milho e feijão ou o plantio de algodão tanto o ecológico quanto o convencional. O gado caprino aparece também como uma atividade econômica importante na região dos Inhamuns. A cidade de Tauá é o centro ou cidade-polo dessa região. Apesar de contar com um certo grau de urbanização, metade da população de Tauá habita a área rural, sendo que a agropecuária é a atividade econômica dominante (METELLO, 2007, LACERDA, 2009, CRUZ, 2010).

O número de associados da Adec é de aproximadamente 200, mas esta cifra pode variar em função das condições climáticas, uma vez que a região sofre com as constantes falta de chuvas. Quando não ocorre o “inverno”⁷ ou quando se tem um “inverno” com pouca chuva, os agricultores são obrigados a desistir das culturas do algodão ecológico, motivando, em muitos casos, o seu afastamento da Adec. A adesão dos associados é condicionada, portanto, aos fatores climáticos da região, situação que expõe a falta de políticas públicas de irrigação, de fomento e de logística por parte dos governos estadual e federal.

A opção dos fomentadores da Rede (Esplar,⁴ Adec, Justa Trama) em trabalhar a cadeia produtiva a partir do plantio do algodão orgânico decorre de um resgate de práticas de manejo sustentáveis que vigoraram no Nordeste brasileiro durante séculos e que foram sendo substituídas posteriormente pela introdução da agricultura mecanizada com alta utilização de insumos e venenos produzidos pela indústria química.

A modernização da agricultura na região dos Inhamuns (CE) destruiu o algodão arbóreo (orgânico) e trouxe o algodão herbáceo para competir. Isso causou impacto ambiental e social na região, uma vez que os agricultores perderam a condição de donos da terra e a autonomia de plantar um algodão apropriado às condições geoclimáticas do semiárido, passando, por fim, a depender das sementes patenteadas pelo agronegócio.

⁵ É a forma como as populações da região do semiárido nordestino referem-se à estação das chuvas, que ocorre entre dezembro e março.

⁴ ONG localizada em Fortaleza (CE) que presta assessoria técnica para a Cadeia do Algodão.

O retorno do cultivo do algodão arbóreo no semiárido nordestino permite também resgatar tradições culturais. Além do mais alia a geração de renda em mercados industriais com a produção de alimentos, uma vez que seu plantio é consorciado com outros cultivos, tais como milho, feijão e gergelim. Em algumas comunidades no entorno de Tauá, os agricultores estão associando o plantio do algodão ecológico com a mamona para extração do biodiesel. Com isso, agregam maior valor à produção mensal de suas terras, gerando aumento de renda e a expansão dos produtos naturais.

Salienta-se que o cultivo do algodão ecológico representa para o agricultor 50% da sua renda mensal (GOMES, 2011), no entanto, como o plantio é consorciado com outros produtos como foi destacado anteriormente, pode-se inferir que desde o início do Projeto em 2005, os agricultores estão produzindo suas vidas através do cultivo agroecológico, gerando renda e qualidade de vida.

Ressalta-se, desse modo, que o projeto da Rede Justa Trama em Tauá (CE), ao recuperar a tradição da pluma do algodão agroecológico em uma região onde o patrimonialismo⁵ é ainda forte, está semeando as bases de um novo conceito de produzir e de viver que, dependendo de sua multiplicação. Inicia um outro tipo de relação patrimonial, que liga a população ao seu território, regido pelo interesse das coletividades protagonistas, que instaura a inclusão, que empodera a comunidade como dona do seu destino e que contribui para o restabelecimento da autoestima dos mais jovens. Como no sentido exposto por Thierry Link (2010, p. 75-76), o território pode ser considerado um patrimônio tanto no sentido de ser um recurso “ativado para a produção de valores de troca na própria sociedade local (...) [como] um recurso que se produz e se administra, tanto no manejo cotidiano como nas longas temporalidades de enlace intergeracional: possui a vocação de ser transmitido por herança”⁶.

Além disso, a utilização da pluma do algodão ecológico permite também beneficiar o caroço que produz o óleo bruto de algodão, de torta e línter, e as

⁵ Cf. Max Weber (1964 [1922]) o patrimonialismo se refere a formas de dominação nas quais não se diferenciam nitidamente os âmbitos públicos e privados. Nele, tem-se de que a posse sobre os bens permite submeter os demais ao mando local. Ver Tb. FAORO (1958) e SCHWARTZMAN (1982).

⁶ Tradução livre.

folhas da planta são aproveitadas para alimentação animal, compondo um conjunto de estratégias econômicas de grande importância social para a região. No entanto, é preciso destacar aqui que os benefícios para a comunidade e para os agricultores não se resumem apenas aos aspectos financeiros e da capacidade de exploração e beneficiamento do produto, mas também aos aspectos de uma vida saudável, mais plena, fruto de um território onde o meio ambiente é respeitado.

A Coopertêxtil está localizada no colar metropolitano de Belo Horizonte. Este aglomerado urbano conta com 14 municípios e uma população de 530.650 habitantes, sendo que Pará de Minas, de acordo com o censo de 2010 do IBGE, possui 84.215 habitantes⁷. Embora os municípios do colar urbano não estejam conurbados e oficialmente não façam parte da Região Metropolitana de Belo Horizonte, as cidades deste aglomerado têm em comum a forte industrialização. Pará de Minas conta com expressivo número de indústrias, de mineração, siderurgia, cerâmica, laticínios e têxteis, sendo que neste ramo a Cidade conta com 16 indústrias incluindo a Coopertêxtil⁸.

O surgimento da Coopertêxtil está ligado à falência da antiga indústria de tecidos Pará de Minas, nos anos 1990 que, durante seu processo de concordata foi assumida pelos trabalhadores sob a forma de uma cooperativa de produção. A transformação de fábricas falidas em empresas recuperadas tem possibilitado aos trabalhadores sobreviverem às crises econômicas e, sobretudo como forma de atenuação do desemprego no contexto descrito por Castel (1995) como crise da “sociedade salarial”⁹.

Para a readequação do empreendimento foram necessários vários processos como o arrendamento da planta fabril e a formação de uma cooperativa de produção. Decidiu-se também, sob a forma de arrendamento, a troca do maquinário que havia se tornado obsoleto, renegociação de prazos com os fornecedores de matéria prima bem como a “renegociação de dívidas com credores financeiros” (CRUZ, 2010, p. 295). Todo este processo foi

⁷ <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=314710#>. Acesso em 12/09/2012.

⁸ <http://www.jfmg.com.br/mg/para-de-minas/moda-e-vestuario/confeccoes>. Acesso em 12/09/12

⁹ Cf. o autor, refere-se às conquistas históricas da classe trabalhadora na obtenção de regulamentação do trabalho e conquista de direitos trabalhistas (CASTEL, 1995).

relativamente rápido. A antiga fábrica faliu em 1999 e em 2000 a Coopertextil já estava funcionando.

A empresa integra-se à Rede Justa Trama em 2008 com a responsabilidade de executar a fiação e tecelagem do algodão ecológico fornecido pela Adec. (GOMES, 2011). Seu ingresso denota valor material e simbólico importante, pois em primeiro lugar demonstra a capacidade de os trabalhadores organizados gerirem sua produção sem a presença de um patrão e um efeito demonstrativo extraordinário, pois, ainda que a fábrica opere no mercado têxtil convencional obtendo um faturamento em torno de 1 milhão mensal (CRUZ, 2010). Sua participação na cadeia da Justa Trama, porém, representa apenas 1% do faturamento da empresa. Por outro lado, considera-se sua participação “uma aposta no futuro”, coerente o fortalecimento da ideia de sustentabilidade (GOMES, 2011).

A Cooperativa Açaí nasce em Porto Velho (RO), no ano de 2005, a partir da transformação de um empreendimento associativista em cooperativa de trabalho, muito embora mantenha, desde seu início em 2001, a participação da associação dos artesãos que originaram o projeto.

De acordo com Cruz (2010), o ingresso da Cooperativa Açaí na Rede Justa Trama e o fomento financeiro obtido permitiu a criação de uma central de beneficiamento para os materiais coletados por eles na floresta amazônica, transformado em cestaria, marchetaria, marcenaria, aviamentos e outros acessórios feitos a partir de sementes e cascas de espécies de diversos tipos de cocos. A produção desse material inclui ainda a tinturaria que, feita com corantes naturais e a confecção de biojóias¹⁰.

A Cooperativa Açaí atua na organização dos extrativistas de várias localidades do Estado de Rondônia, mas parte do beneficiamento dos produtos que provêm do extrativismo é feito também por grupos de apenados do sistema prisional do Estado. Esse detalhe pode ser considerado inovador, na medida em que agrega uma parcela da população considerada improdutivo pela sociedade, permitindo, assim, a sua reintegração social.

A Cooperativa Fio Nobre está localizada em um bairro operário da cidade portuária de Itajaí. Possui uma população de aproximadamente 184 mil

¹⁰ Produtos artesanais provindos do açaí, paxiubão, paxiubinha, babaçu, tucumã, batoá.

habitantes¹¹, que tem na atividade industrial e no domínio do segundo maior porto do País sua principal fonte de desenvolvimento. Em que pese o PIB *per capita* ter alcançado o patamar de R\$ 48.909, em 2007 e possa ser considerado bastante expressivo em relação ao quadro nacional, a distribuição da riqueza é bastante desigual, tendo-se em conta que o IDH Municipal coloca o município no 42º lugar do Estado de Santa Catarina e que 30% de sua população encontra-se na faixa da pobreza absoluta.¹²

Contudo, como indicam Cruz (2010) e Gomes (2011), houve preocupação por parte das lideranças que tiveram formação em organizações ligadas à luta sindical e movimentos de educação popular em construir um empreendimento de autogestão que aliasse participação política à geração de trabalho e renda. Tal orientação delineada pela Fio Nobre também permitiu costurar alianças e parcerias no território local, oportunizando-se a criação de um ponto fixo de comercialização – CEPESI – dos produtos da economia solidária. Está ligado a essa dinâmica, também, o surgimento da incubadora social da Universidade do Vale de Itajaí demonstrando a vocação comunitária dos cooperantes, integrados em seu território.

O papel da Fio Nobre na Cadeia Produtiva do Algodão Ecológico é a confecção de peças de roupa artesanais ou semiartesanais (vestidos e peças diversas em crochê, acessórios e enfeites em tecido, como fuxicos e outras técnicas), bem como outros acessórios – bolsas e cangas, de fios ou tecidos ,inclusive tramados em tear manual – de algodão agroecológico, e/ou adornados com peças de origem natural da Cooperativa Açaí.

O senso comunitário, combinado à vontade de interagir, agregar conhecimentos e ampliar os espaços de participação ao redor do empreendimento é a característica mais marcante da Cooperativa Unidas Venceremos (GOMES, 2011). Um empreendimento dirigido por mulheres.

Desde sua formação, em 1996, o envolvimento dos participantes do empreendimento com os espaços de vizinhança é prática reconhecida. Ao estar atento às demandas da comunidade a atuação da Univens entrelaça-se ao território que ocupa. Essa atuação fez com que a Univens se consolidasse

¹¹ <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?codmun=420820&r=2>. Acesso em 12/09/2012.

¹² <http://www.sebrae-sc.com.br/scemnumero/arquivo/itajai.pdf>. Acesso em 12/09/2012.

no cenário sociopolítico e socioeconômico do Sul do país uma representatividade de articulação reconhecida pelos parceiros do projeto Justa Trama e pelos governos municipal, estadual e federal. (METELLO, 2007, CRUZ 2010, GOMES, 2011).

Ativas como participantes do Orçamento Participativo¹³, essas mulheres frequentemente pautaram os interesses da economia solidária neste espaço de participação popular. Com o aprofundamento das lutas sociais, as mulheres da Univens conquistaram, através da sua participação no OP, um espaço para a sede do empreendimento na Incubadora Popular da Prefeitura, no bairro Sarandi de Porto Alegre. Permaneceram neste espaço por quatro anos até a aquisição de uma sede própria em 2004.

Como parte da Rede Justa Trama, a Univens produz roupas para vestuário, além de bolsas e sacolas de tecido. Produz também outros tipos de confecção com o algodão convencional. Da mesma forma que sua parceira Fio Nobre, a Univens, opta por uma relação de fortalecimento dos vínculos comunitários locais, obtendo-se várias benfeitorias importantes para o bairro de seus participantes.

A Coopstilus foi formada pela Incubadora Pública de Economia Popular Solidária (Ipeps), da Prefeitura Municipal de Santo André (SP), em 1996. A Coopstilus foi formada por 23 mulheres, alunas de um curso de qualificação em confecção produzido pela Incubadora em parceria com o SENAI, produz uma variedade considerável de artigos de confecção, mas seu papel na Cadeia é a de confeccionar roupas infantis com o algodão produzido pela Adec e fiado pela Coopertêxtil.

O Grupo Em Nome da Arte, coletivo de mulheres artesãs só foi incorporado à Rede Justa Trama em 2010 e produz brinquedos pedagógicos a partir de sobras de tecidos do algodão agroecológico.

Considerações finais: problemas e perspectivas

A montagem de uma cadeia produtiva é um desafio no qual os participantes do cooperativismo se veem envolvidos e está relacionado às

¹³ O Orçamento Participativo (OP) – constitui-se em processo que permite a participação dos cidadãos e influenciar ou decidir diretamente sobre o destino dos orçamentos públicos com vistas a conquista de verbas públicas para o atendimento de demandas comunitárias. Foi implantado em Porto Alegre pela primeira vez em 1989.

diferenças culturais e regionais. Assim, mesmo que a rede seja uma forma privilegiada de difundir novos processos e ideias no campo da solidariedade e da reciprocidade, ela está sujeita a ser um espaço diverso de discussões, debates e conflitos, na medida em que, para sua efetivação/concretização, são necessárias a mobilização e a participação de um grande contingente de pessoas, cada qual com suas subjetividades dentro do espaço produtivo.

O trabalho em uma cooperativa popular é desafiador e que requer, por parte dos cooperantes, grande responsabilidade. Sendo assim, o sucesso de um projeto coletivo depende não apenas do cooperante individualmente, mas da capacidade que ele e seus parceiros desenvolvem ao trabalharem juntos em prol de necessidades e interesses comuns. As decisões dentro desse espaço devem, portanto, ser coletivas e, neste caso, como todos são donos do empreendimento, as decisões tomadas precisam contemplar as diferenças e as opiniões divergentes.

Além desses desafios internos aos empreendimentos há que se considerar ainda que a sobrevivência de formas alternativas de produção, como é o exemplo da Justa Trama, inclui o enfrentamento de dificuldades financeiras, uma relação com o Estado e com as administrações municipais enfraquecidas pela falta de políticas públicas, a burocracia e a legislação que não atendem às necessidades da economia solidária.

A Rede Justa Trama têm auferido muitos sucessos e convivido com série de dificuldades para a oxigenação da cadeia produtiva, pois precisa conviver no interior de um sistema no qual o modo de produção dominante, para manter sua hegemonia, busca submeter outros modos de produzir e ainda que a Cadeia do Algodão da Justa Trama detenha o domínio da maioria das etapas de produção para o pleno desenvolvimento desta construção há que se buscar integrar elos que não são ainda dominados pela vertente da economia solidária como a produção de insumos, na obtenção de maquinários e na logística de transporte.

As enormes distâncias que o algodão percorre na cadeia produtiva possivelmente constitua um dos maiores desafios para que esta organização possa prosperar e avançar na conquista de domínio dos insumos necessários ao seu pleno desenvolvimento.

Outro ponto há ser considerado diz respeito à ponta da comercialização. Muito embora os produtos da Justa Trama tenham qualidade, sejam inovadores tanto na proposta quanto no desenho, e por mais que atualmente o consumo de produtos ecológicos e produtos feitos dentro de um quadro responsável ou ético no qual não ocorra a exploração dos trabalhadores estejam sendo de alguma forma “estimulados” pela mídia de mercado muito mais por uma necessidade do capitalismo em conquistar novos nichos: produtos sustentáveis, economia verde, etc., a Justa Trama, assim como outras iniciativas de economia solidária, atinge um mercado ainda muito restrito: os consumidores “conscientes”, as organizações de apoio e entidades ligadas ao comércio justo ou FAIR TRADE.

A capacidade de os atores da Rede em conquistarem apoios, parcerias, aliados estejam estes sujeitos ou organizações em postos governamentais ou em organizações da sociedade civil, contribui para a sua manutenção, mas não é o suficiente, pois uma questão objetiva como a impossibilidade de obter algodão em um determinado momento é um dado bastante concreto aos parceiros da rede.

No entanto, mesmo com todas as dificuldades que envolvem a Rede Justa Trama, percebe-se que a confiança no trabalho coletivo vem se mantendo e, isso é indicativo que outros fatores encorajam estas pessoas a dedicar suas vidas na construção de um trabalho autônomo. A persistência e a determinação dos atores da Cadeia Produtiva do Algodão Ecológico sugerem que é a partir de um “sonho comum” que se fortalece um projeto de visibilidade nacional e internacional.

REFERÊNCIAS

AZAM, G. “Economie solidaire et reterritorialisation de l'economie un enjeu pour la solidarité, un enjeu pour l'ecologie” In: FIRKOWSKI, O. L. F. (Org.) **Transformações territoriais**. Experiências e desafios. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2010.

CASTEL R. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. Petrópolis:Vozes, 1995.

CRUZ, Antônio C. M. da. **A diferença da igualdade**: a dinâmica da economia solidária em quatro cidades do Mercosul. Tese (Doutorado em Economia)- Universidade de Campinas, Campinas, 2006.

CRUZ, Antônio C.M. da. Rede Justa Trama: os fios e os tecidos de uma cadeia produtiva na economia solidária. In: **Novos paradigmas de produção e consumo: experiências inovadoras**. MORAIS, Leandro; BORGES, Adriano (org.). São Paulo: Instituto Pólis, 2010, p. 235-386.

DI MÉO, G.; BULÉON, P. **L'espace social**. Lecture géographique des sociétés. Paris: Armand Colin, 2007.

FAORO, R. **Os donos do poder**. Formação do patronato político brasileiro. Porto Alegre: Editora Globo, 1975 [1958].

GOMES, G. G. **Rede justa trama – cadeia produtiva do algodão ecológico: as territorialidades da economia solidária**. Porto Alegre: Programa de Pós-graduação em Geografia/UFRGS, 2011. (dissertação de mestrado).

LACERDA, Luiz Felipe Barboza. **Governar-se para quê?** As práticas de gestão dos empreendimentos econômicos solidários: O caso da Cadeia Produtiva de Algodão Ecológico Justa Trama. 2009. Dissertação (Mestrado). São Leopoldo, 2009.

LINK, T. “La patrimonialización: entre despojo y apropiación territorial”, In: FIRKOWSKI, O. L. F. (Org.) **Transformações territoriais**. Experiências e desafios. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2010.

MANCE, E.A. Cadeias Produtivas Solidárias. 2002. IFIL. Disponível em <http://www.solidarius.com.br/mance/biblioteca/cadeiaprodutiva-pt.pdf>. Acesso em 12/09/2012.

MAUS, M. Essai sur Le Don; In: Sociologie ET Antropologie. 7^a Ed. Paris: PUF, 1950 [1924] (collec. Quadrige)

METELLO, Daniela Gomes. **Os benefícios da associação em cadeias produtivas solidárias: o caso da Justa Trama – cadeia solidária do algodão agroecológico**. 2007. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro, 2007.

SCHWARTZMAN, S. **Bases do autoritarismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

TEMPLE, D. El mercado de reciprocidad. Positiva. In: Teoria de la reciprocidad. Tomo 2: La economía de la reciprocidad. La Paz: PADEP-GTZ, 2003, PP. 376-392.

WEBER, M. **Economia y sociedad**. Esbozo de sociologia comprensiva. México: Fondo de Cultura Económica. 1996 [1922].